

# Natal algarvio perdeu tradições

**José Carlos Vilhena Mesquita**

Difícilmente se encontram hoje no Algarve os resquícios da antiga festa natalícia genuinamente regional. Até mesmo nos lugares mais recônditos da serra algarvia se esbateram as tradições de antanho, apesar de em toda a região não ser estranha a alegria que a verdadeira festa do lar traduz no espírito da família. O que hoje se celebra, em todo o país, é um Natal estereotipado, um decalque euro-americano da festa da família, que oscila entre o presépio católico e o pinheirinho protestante, entre o bacalhau dos pobres e o peru dos ricos.

Em boa verdade, Natal minhoto, Natal transmuntano, Natal beirão ou Natal algarvio, todos têm um denominador comum: a celebração de uma festa religiosa com características muito íntimas e peculiares, durante a qual se reúne a família numa verdadeira apoteose dos seus naturais continuadores – as crianças. O



Imagem estereotipada da Ceia de Natal em casa abastada

Natal é, por excelência, a Festa da Família, representada na criança, tida como natural prolongamento da estirpe e da linhagem, uma espécie de personificação da Esperança e do Futuro

Os presentes, que no início da nossa Era serviram para homenagear o Deus-Menino, são hoje metaforicamente os mesmos (salvo as devidas distâncias e óbvias proporções do avanço civilizacional/tecnológico), pois que em si traduzem a felicidade do lar, a paz e a amizade entre os homens. Os presentes simbolizam, em suma, um gesto de homenagem àqueles que mais amamos. Por isso, Natal sem consoada, presépio e prendas, não é Natal. E estas são, sem sombra para dúvidas, as características mais gerais da festa natalícia, que progressivamente se tornou pertença do património universal de todas as raças, culturas e civilizações, até mesmo das que coexistem alheias ao cristianismo.

Verifica-se, porém, que as ascendências culturais, resultantes duma certa heterogeneidade geomorfológica de insondável ancestralidade, influíram as celebrações religiosas com manifestações populares, que, de algum modo, as diferenciavam, criando-lhes uma individualidade algo estranha e curiosa. Com o seu estudo se preocuparam, há décadas atrás, reputados etnólogos e antropólogos, que publicaram importantes obras, que são hoje referências incontornáveis. Não previam, todavia, que se pudesse operar com o tempo um

## Natal algarvio perdeu tradições

evolutivo esvaziamento das tradições, para o qual parece estar a contribuir um hodierno progresso tecnológico, emanado de uma sociedade consumista, e de um mercantilismo alienante, que tende a estandardizar as próprias raízes culturais dos povos cristãos. O conservadorismo etnográfico, a reserva do



Pinheiro de Natal (Forum Algarve), Faro

tradicional, assume-se hoje aos olhos cosmopolitas como sintoma de atraso civilizacional. A mundialização do pinheiro escandinavo e do Pai Natal normando superaram, por observância da normalização comercial, os padrões culturais e as manifestações populares do Natal latino, esse sim, genuinamente cristão e profundamente visigótico. De tal forma assim é que o Natal secularizou-se para dar lugar a uma festa social, altamente vulgarizada, profundamente dependente duma indústria de mercado, que a força persuasora da publicidade e dos meios audiovisuais de comunicação tem vindo a banalizar.

Mesmo assim, apesar de todas as atrocidades etnográficas a que impavidamente temos vindo a assistir, o Natal é, e será sempre, a festa do lar e da família, a apoteose da criança, e um hino de paz que apela à fraternidade humana.

## À procura do Natal algarvio

Tal como antes afirmamos, não existe hoje propriamente um Natal algarvio, contudo tempos houve em que as manifestações natalícias se transformavam em verdadeiras festas da comunidade, variando de região para região, às vezes mesmo de concelho para concelho. Nos “montes”, nos lugares da serra e nas pequenas freguesias rurais, era evidente o sentimento de solidariedade e de confraternização entre os seus membros, ao qual o espírito religioso emprestava uma forte consistência. Era, curiosamente, uma festa deambulatória, se assim se lhe pode chamar, usando o lar e a igreja como balizas duma intercomunicabilidade fraternal em



Lareira tradicional nas casas agrícolas da serra algarvia

que as velhas desavenças e incompatibilidades se desfaziam num amplexo

## Natal algarvio perdeu tradições

que o respetivo pároco se esforçava por estreitar. Nas terras do interior serrenho, emolduradas num luminoso cenário de azul-cobalto, faltava-lhes a neve ou o frio enregelante capaz de reter as suas gentes no aconchego da cálida lareira.

Era por isso que as famílias se visitavam, os mais jovens percorriam as ruas a visitar os lares mais queridos e também os mais abastados, comendo, aqui e ali, deliciosos pastéis de mel e provando espirituosos vinhos. A bondosa inocência do serrenho algarvio impregnava o Natal de um calor humano verdadeiramente inigualável.

Na esperança de encontrarmos a chama ardente desse passado, e das genuínas manifestações culturais natalícias, deslocámo-nos até ao vasto e recôndito concelho de São Brás de Alportel, que se espraia, algo perdido e quase esquecido, pela serra algarvia, cujos lugarejos percorremos ao sabor e à aventura de seculares caminhos. Conversámos com vários anciãos de prolecta idade, em diferentes “montes” e em esconsos sítios, mas também falámos com pessoas instruídas e até com alguns jovens, que nesta quadra retornam às suas origens familiares para passarem as suas férias natalícias. No cômputo desse ligeiro inquérito, verificamos que as tradições antigas já se perderam, e que na sua maioria são já irrecuperáveis; que a juventude pouco se interessa com o passado e que despreza as tradições etnográficas; que a televisão, pela sua massificação telenovelesca, faz reter as pessoas em casa e retira o convívio social, perdendo-se também o diálogo familiar em torno da lareira, durante o qual se transmitiam aos jovens as estórias do romanceiro popular; que a carestia de vida exterminou quase por completo as visitas aos lares para estreitar relações, trocar conhecimentos agrícolas e acertar preços para a venda dos seus produtos... Mais consensual entre as diferentes gerações é a ideia de o Natal ser a época em que se recebem presentes, sendo, enfim, a consoada uma noite especialmente feliz, mas muito menos alegre do que a noite da Passagem de Ano.

Todavia, algo permanece ainda desse passado, para uns tão longínquo, para outros tão saudosamente presente, sobretudo na memória dos mais idosos. Mantém-se nos moldes de antanho a Ceia de Natal, assim como a gastronomia tradicional, a reunião da família, o presépio e os grupos de cantadores populares, a que chamam «charolas», sendo designados por «charoleiros» os seus diversos membros, que animam as noites frias das janeiras e das reisadas.



O madeiro de Natal ardendo no átrio da igreja, tradição popular que é comum a todo o país



## A tradição do “madeiro” de Natal

O dia de Natal continua a ser, de forma insofismável, o dia da Família, cujos diversos membros se reúnem na casa dos pais, do filho mais velho ou do irmão mais “remediado”. Curiosamente, há certos sítios da serra onde ainda ouvimos falar dos Morgados, termo que serve para designar os indivíduos mais ricos, em cujos lares se fazem lutas ceias de vários pratos, imensa doçaria e animada festa, para a qual costumam também convidar o pároco.



O lenho no adro da igreja, desenho alegórico de traço artístico

Durante a noite da consoada a animação nos lares serrenhos faz-se de diversas formas, conforme os hábitos e instrução dos membros da família; uns jogam às cartas, outros contam histórias antigas, revivem a memória dos antepassados, cantam velhas modinhas, até chegar o momento crucial da distribuição prendas. Nessa altura começa-se pelos mais velhos, dão-se beijos, abraços e sonoras risadas, os avós e os pais tornam-se o centro das atenções. Seguem-se depois os filhos e os netos, que em certos lares perfazem numeroso grupo.

Costuma também ver-se nas aldeias da serra algarvia muitas viaturas de emigrantes, que apressadamente regressam aos seus lares de origem, para confraternizarem e reunirem-se com a família. A necessidade de afirmação do seu sucesso económico levam, por vezes, a realizarem ruidosas festas a que não faltam os acostumbrados foguetes.

Nos lares mais tradicionais, com antigas lareiras, queimam-se grossos “madeiros” que se colocam “atrás do fogo”. Esclareça-se que o “madeiro” é um grosso barrote de azinho, e que “atrás do fogo” significa colocar esse toro de lenha atrás da grelha do fogo vivo,



Lareira de casa abastada com os tradicionais madeiros de azinho

encostado ao espelho da lareira, fazendo-o assim arder muito lentamente e

## Natal algarvio perdeu tradições

apenas com o calor irradiado pelo lume. Deste modo transforma-se num enorme braseiro de fogo lento, que se mantém incandescente durante o dia, mantendo a casa quente. À noite reacende-se a lareira, mas sempre evitando que o “madeiro” entre em contacto com o fogo. Reza a tradição local que os rapazes solteiros – para no ano que se avizinha serem bafejados pela sorte – têm que durante a noite visitar nove “madeiros”, comendo filhós e bebendo vinho novo. Mas hoje já poucas casas se podem dar ao luxo de receber tanta gente e de ter uma lareira permanentemente acesa durante todos esses dias. Por outro lado, existem hoje modernos caloríferos para combater o frio, e poucas são as novas habitações que possuem fogão de sala.

De qualquer modo, dizem os mais velhos que, quando o “madeiro” não chega a consumir-se inteiramente até ao Dia de Reis, deve-se partir o que resta em pequenos pedaços que nos dias de tempestade se voltam a acender para atrair a protecção divina, evitando-se assim que algum raio fulmine o lar. Além disso, os antigos também diziam que o Natal era a festa da lareira ou do fogo sagrado, pelo que quanto maior fosse o “madeiro” e quanto mais tempo durasse a sua lenta incineração, maior e mais saudável seria a seara, ou seja, mais profícua e frutuosa poderia vir a ser a próxima safra agrícola. Curiosa é, porém, a vetusta crença dos serrenhos algarvios de que dá mau agoiro não comer bolotas nem castanhas nas vésperas de Natal.

### A entronização do Menino Jesus

O presépio é uma tradição inalterável – ultimamente misturado com o pinheirinho pagão, introduzido nos lares serrenhos pelas novas gerações. Toda a gente monta o seu presépio, com mais ou menos figuras e adereços naturais, conforme as possibilidades de cada lar. Nas novas habitações e bairros sociais vê-se uma crescente subalternização do presépio, por figurar debaixo do incaracterístico e pouco católico “pinheirinho”, às vezes feito em plástico, enfeitado com luminosos e musicais conjuntos elétricos.



Trono do Menino Jesus, tradicional presépio algarvio

Nos lares mais antigos, porém, “entroniza-se o Menino” numa espécie de altar, em forma de peanha com três a cinco andares, que as moças solteiras constroem sobre uma mesa (ou no

## Natal algarvio perdeu tradições

próprio chão da sala), sobrepondo várias gavetas invertidas e de tamanhos sucessivamente menores, cobertas de néveas toalhas de linho, enfeitadas com pequenas luminárias de azeite (hoje substituídas por lamparinas de cera), frutos secos e frescos de diferentes cores e feitios, bonecos alegóricos à quadra natalícia e as tradicionais “searas”. Convém esclarecer que estas “searas”, com um significado simbólico de ancestral origem, obtêm-se colocando em pequenos recipientes uma porção de cereais, geralmente trigo, cevada, lentilhas, grãos ou centeio, mergulhados em água, que passados alguns dias germinam e crescem com colorações de um verde vivo que vai amarelando suavemente, semelhante aos das verdadeiras cearas de trigo. No último degrau desta curiosíssima pirâmide impõe-se a figura do Menino Jesus, emoldurado pela luz radiante das lamparinas e de todo aquele conjunto de frutos e searas, numa mescla entronização do Divino com o Natural. É em volta do trono do Menino Jesus que os mais jovens entoam alguns cânticos bastante peculiares:

O meu menino Jesus  
Está lá alto na tribuna;  
Está pedindo à sua mãe  
Que nos dê muita fortuna.

Eu vim ver este presépio,  
Qual será o meu destino,  
Por ser noite de ano bom,  
Venho cantar ao Menino.

Hei-de dar ao Menino  
Quatro, cinco, nove, seis,  
E uma camisinha fina  
P’ra vestir Dia de Reis.

Hei-de dar ao Menino  
Um galão pra cintura;  
Que ele também me há-de dar  
Um lugar na sepultura.



Sagrada Família em terracota, arte popular

## A Ceia de Natal

Junto ao presépio costuma montar-se a mesa para a ceia de Natal, a que também chamam na cidade a noite da Consoada, que ocorre na transição de 24 para 25 de Dezembro. Janta-se tarde, porque o dia ocupou-se com a decoração da mesa e a preparação das iguarias natalícias, especialmente os



## Natal algarvio perdeu tradições

doces, que são o deleite das crianças. É a chamada noite feliz, a apoteose da família, a glorificação do Menino Jesus.

Na mesa de Natal dispõem-se pratinhos de enchidos cortados às rodelas, de fatias de presunto e de carnes frias; mais atrás ficam as canastrinhas de pinhões, de amêndoas, de figos torrados, de avelãs, de nozes e de estrelas de figo; mais perto dos limites da mesa desfilam então os bolos de mel, as filhós, os sonhos ou brinhóis, as fatias douradas, as empanadilhas de batata-doce, os queijinhos de figo e os de amêndoa, os



O tradicional polvo de natal à algarvia

dons-rodrigos, e, ao centro, os vinhos espirituosos e a saborosa medronheira algarvia. Os vinhos da adega da casa, ou comprados ao lavrador a garrafão, serão depois servidos em jarro de vidro incolor para acompanhar a ceia.

Ao contrário do bacalhau nortenho, do peru da cidade, do polvo do litoral ou das ameijoas com carne de porco do interior, aqui na serra algarvia come-se um anafado galo, escolhido alguns meses atrás para ser “tratado”, leia-se engordado. Desde logo fica marcado como o “Galo do Natal”, merecendo por isso cuidados especiais. Todavia, nas casas mais ricas e opulentas, cujas famílias são mais numerosas, costuma-se matar um porco, cuja carne é cuidadosamente repartida, salgada ou defumada, para que dure até à Quaresma.

Durante a noite, ou depois da consoada, alguns grupos de rapazes reúnem-se



A Missa do Galo é tradicional na Igreja de S. Brás d'Alportel

no adro da igreja para percorrerem a aldeia a cantar de casa em casa, até à hora da Missa do Galo. Entretanto, os chefes das famílias mais abastadas da freguesia dirigem-se para a Igreja onde apresentam os votos de Natal ao pároco, oferecendo donativos em dinheiro ou em géneros para a caridade e valimento dos pobres. À meia-noite celebra-se

a Missa do Galo, cujo templo foi previamente decorado pelas senhoras mais piedosas e mais conceituadas da aldeia, com flores e outros adornos naturais, que conferem odoríferas colorações em torno do presépio popular, sobre o qual, aliás, se concentram todas as atenções. No fim da Missa, o pároco dá o Menino- Jesus a beijar aos

## Natal algarvio perdeu tradições

fiéis, regressando depois todos a casa, com os mais novos a cantarolar algumas quadras alusivas à época. Por vezes, os moços solteiros reúnem-se no largo da aldeia em volta de uma crepitosa fogueira, com um enorme madeiro de azinho em brasa, irradiante de calor, em volta do qual cantam e dançam improvisados corridinhos. É claro que o calor da fogueira não faz dispensar o ardor da medronheira nem a energia das azevias de batata-doce, que os casais mais velhos trazem para oferecer aos jovens, de todas as idades.

No dia seguinte, come-se o que sobrou da noite da consoada, voltando-se a reunir a família, porém a alegria é bastante menor. Nas localidades da faixa litoral algarvia, especialmente nos bairros de pescadores, come-se pelo Natal o célebre “litão” ou peixe de cor, que é muito concretamente um cação ou uma moreia previamente corado, seco, à soleira da porta. Este costume ainda hoje se mantém em muitos lares e restaurantes de Olhão e de Portimão.



Azevias, bolinhóis, estrelas de figo e torta de amêndoa

Na Passagem de Ano a festa é semelhante à do Natal, embora muito mais alegre, marcada por frequentes libações e bailaricos, que os mais jovens organizam nas sociedades recreativas ou nos clubes populares. As janeiras ou charolas são a manifestação mais castiça desta época, e também a mais característica do povo algarvio. No Dia de Reis era costume fazer-se o bolo-rei, cuja elaboração difere muito daquele a que já nos habituamos a consumir



Os tradicionais bolinhos de massapão, feitos com amêndoa e recheio de ovos

durante toda a quadra natalícia. As tradicionais janeiras ou reisadas cantavam-se pela última vez, encerrando-se deste modo o mais belo período festivo do ano.

Presentemente, nas cidades do litoral algarvio já não existem quaisquer manifestações populares

que identifiquem aquilo a que poderíamos chamar um “Natal autêntico”, isto é, um Natal genuinamente algarvio. As tradições esbateram-se com o evoluir dos tempos, de uma forma irrecuperável, perdendo-se assim os usos e costumes de antanho, que emprestavam sensibilidade e afecto ao peculiar Natal algarvio. Hoje, o Natal é de cada um, nunca de todos, e cada vez menos do Algarve.

(artigo publicado no suplemento de Natal do matutino lisboeta «Diário de Notícias», em 24-12-1985)